

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

Redacção, Administração, Composição

e Impressão

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Número avulso, 4 centavos (40 réis)

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

Editor e Administrador—Lyster Franco

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

O espirito de disciplina

Estais enganados. O espirito de disciplina não consiste numa obediência cega, passiva, á vontade de outrem. Não é a submissão duma vontade a outra vontade. E' antes uma obediência raciocinada, activa, ás indicações de outrem, que traduz uma vontade colectiva.

Quem exerce um poder legítimo é o representante duma colectividade. Todas as vontades individuais como que se integram na vontade da colectividade. E assim as pessoas dos que mandam desaparecem para, em vez delas, surgirem, os símbolos do Poder. Assim, os que sabem obedecer não são os homens de vontade fraca, mas os de vontade forte.

O espirito de disciplina não consiste na renúncia da liberdade. E' a troca duma liberdade por outra liberdade. Onde quer que se encontrem dois homens é indispensável que cada um defina a sua esfera de acção afim de que o exercício da própria liberdade não tolha o exercício da liberdade alheia. Quem deixa livre o campo de acção de outrem adquire o direito de ver respeitado o campo de acção que lhe é reservado como pertença sua. Assim, os que sabem obedecer conquistam, pela obediência, a própria liberdade.

O espirito de disciplina não é um fim a atingir, é um meio para se realizar a ordem social. Onde não existir uma cordenação de forças não é lícito esperar a realização de um ideal comum. Quem quer trabalhar eficazmente por um ideal ha-de conjugar a sua acção com a acção de outrem e aceitar uma orientação definida e obedecer, para que o seu esforço se aplique na mesma direcção e no mesmo sentido do esforço alheio. Assim, só quem sabe obedecer é capaz de contribuir para a ordem social.

O discípulo obedece ao mestre para realizar a sua aprendizagem; o filho obedece ao pai para conseguir a sua educação; o soldado obedece ao comandante para conseguir a vitória; o cidadão obedece ás autoridades para se conseguir a ordem publica; o escoteiro obedece ao chefe para realizar os fins do escotismo. Assim, a obediência é condição indispensável de todo o progresso humano.

Conquistemos o espirito de disciplina.

Sá Oliveira.

(Do numero 3 do nosso presado colega «O Escoteiro», de Lisboa).

O sr. dr. João Pedro de Sousa, illustre deputado da nação, e nosso presado amigo, apresentou no dia 9 no parlamento um projecto de lei autorizando a camara municipal de Faro a alienar terrenos baldios.

O DEBATE

Entrou no terceiro ano da sua publicação este nosso presado colega de Coimbra, superiormente dirigido pelo nosso prestimoso correligionario sr. Eugénio Sales.

Cronica citadina

NADA!

De uma esterilidade assustadora, a semana finda!

Inutilmente consulto o meu album, de balde tento «esquecer» um facto que, evidentemente ampliado pela fantasia, ou escarpelizado pela imparcialidade, me habilita a bem cumprir os meus deveres de crónista.

Nada!—Como diria o cançonetista Pacheco.

E, contudo, a semana annunciou-se prometedora e inquieta...

Chegou a haver quem perdesse o sono a pensar na consequencia da utilização, «para bom fim» dos navios alemães, trombeta, mundo em fôra, pelos grandes circulatórios e também não faltaram timoratos tremelicanos perante o espantoso da Comuna, trazido para o meio das pacatas ruas das nossas cidades mais civilizadas, pela mão corrupta dessa velha loureira chamada Carestia.

Mas, foi sol de pouca duração; coisas que passaram á historia, embrulhadas no papel pardo do indiferentismo!

O mesmo aconteceu aos conflitos academicos de Lisboa, Coimbra e Porto, onde a Disciplina—veneranda Senhora da nossa maior consideração e respeito, foi contundida a ponto de carecer dos pensos do hospital do Parlamento.

Excluídos, por banalissimos, os phenomenos sociais, restava-nos o exame das magnificencias da Natureza, aqui, nesta privilegiada Provincia, tão exuberantemente reveladas!

Podíamos falar do sol esplendoroso, claro, formosissimo e das esplendidas noites de luar magnifico e selino—que essas—louvado seja Deus!—tivemos-las em grande cópia durante a semana finda!

Mas, presados leitores, não convem agora, perante a crise geral, alardear abundancias.

As coisas chegaram a tal ponto, por causa da guerra, que ninguém terá o direito de admirar que, amanhã, os aliados nos peçam telegraficamente, pelo menos para os seus heróicos feridos, alguns biliões de toneladas de... sol ou alguns milhares de toneis de... luar!

E por isso...

Ich habe die Ehre zu zeichnen...

LYSTER FRANCO.

Major Pires Viegas

Deve regressar por estes dias a Faro, sua terra natal, o nosso illustre amigo e distinto major do exercito sr. Pires Viegas.

Uma comissão de seus conterraneos tenciona promover-lhe uma carinhosa e entusiastica recepção.

Consta-nos que esta comissão procurou na sexta-feira, o sr. coronel comandante de Infantaria 4, a fim de obter de S. Ex.ª que a banda regimental tome parte na recepção, acompanhando o homenageado até á casa da sua residencia.

Estamos certos de que esta iniciativa, tão louyavel como simpática, vai obter o melhor acolhimento nesta cidade, cujos habitantes de ha muito se habituaram a considerar o seu illustre concidadão Pires Viegas como um autentico heroe dos que melhor sabem hourar nas inhospitas plagas africanas o sacrosanto nome da Patria.

Julio Silva

Vindo de Loulé, encontra-se nesta cidade o nosso presado amigo e exímio guitarrista Julio Silva, que terça-feira tenciona realizar um magnifico concerto no Ginasio-Club desta cidade.

Espera-se grande concorrência.

Representação

Pedem-nos a publicação da seguinte:
Ao Ex.º Sr. Presidente da Camara Municipal de Faro.

Os abaixo assignados, consignatarios da navegação que frequenta este porto, pondo de parte questões politicas e atendendo somente ao interesse mutuo, que é o geral, tendo conhecimento de que as obras projectadas a fazer na doca so virão prejudicar o dito e unico local de embarque e desembarque de mercadorias, trafego de alto valor com tendencia para progressivo aumento, pedem licença para lembrar a V. ex.ª e aos mui dignos membros deste municipio, pessoas criteriosas que, refletindo, não deixarão de concordar que todo o interesse de uma povoação que tem a felicidade de ser banhada pelo mar deve ser procurar alargar-se-lhe quanto possivel os seus caes, oferecendo assim todas as facilidades possiveis ao commercio e á industria; sendo aquele computado já em muitas dezenas de milhares de toneladas e esta em cento e tantos mil volumes de cortiça, rolhas e aparas, e umas quarenta mil caixas de conservas, não contando com a importação, que ascende já a alguns milhares de toneladas. Ora, como é publico o notorio, o actual caes por onde se faz o dito trafego é demasiadamente acanhado, pelo que estamos dispostos a solicitar, logo que terminasse a conflagração, europeia, o caes lateral do passeio.

Como, porem, acabam de saber que o Municipio vê por um prisma adverso tão palpitante assunto, os signatarios pedem:

- 1.º—Que se retirem o repezo do carvão e a rampa em que o mesmo assenta.
- 2.º—Que o barracão do repezo seja colocado ao fundo da doca, contornando com a estrada que serve os armazens do Caminho de Ferro.
- 3.º—Que seja prolongado o caes da Alfandega até onde existe o aterro que hoje serve de estaleiro.
- 4.º—Que esse prolongamento de caes fique num nivel de profundidade equivalente ao da ponte do Caminho de Ferro.
- 5.º—Que seja construido um caes em frente da Capitania do Porto até á linha ferrea com o mesmo nivel.
- 6.º—Que sejam retiradas todas as lamas até ao nivel da ponte do C.º F.º de modo que mesmo na baixa-mar a doca fique com agua.
- 7.º—Que, se o Municipio tiver recurso, se façam onde existe o estaleiro actual, uns hangars proprios para cortiça e seus derivados.
- 8.º—Havendo barcos de carga e descarga neste porto com uma arqueação de 600 toneladas, se convidem os proprietarios dos mesmos a fornecerem gratuitamente á camara, para a condução de lamas da doca para o lado oposto da linha do C.º F.º, os seus barcos (relativamente á arqueação de que cada proprietario dispõe) até ao completo desassoramento da doca.
- 9.º—Que junto ao taludo do C.º F.º se faça uma larga rampa para nela vararem as embarcações, novas que constantemente se constroem, ficando assim o caes na direcção da Capitania ao C.º F.º com uns 15 metros a menos, o que nada prejudica, visto que junto ao taludo não se pode desaterrar o suficiente para os barcos ahi fluatarem.

Ainda á cerca do desassoramento calculam os reclamantes que ele não vá além de vinte centavos por metro cubico, e computando em cinco mil metros o volume das lamas a retirar ou seja uma despesa de mil escudos, estão certos com tal medida não só lucrarão o commercio e a industria, mas também a saude publica, visto o fundo ficar coberto de agua, não se exalando dele a pestilencia que actualmente se sente nas horas de baixa-mar.

Tudo leva a supôr o Municipio, optando por este grande melhoramento, obter uma economia bastante sensivel, pois o prolongamento da directriz do caes da Alfandega até á linha ferrea ser-lhe-ha muito menos dispendioso do que lançando um novo caes desde a frente da Alfandega ao C.º F.º.

E' de prever também que o espaço pedido seja o suficiente para o trafico durante muitas dezenas de anos, pois desde a rampa da praça até ao caes novo e ainda a extensão deste, permitirão espaço bastante para atracarem de cada vez 14/15 barcas, o que facilitará o trafico extraordinariamente.

Em atenção se deve ter ainda que, além do commercio e da industria desse concelho, o trafego dos concelhos de Loulé e S. Braz é feito na totalidade por este porto, e o dos concelhos de Silves, Lagoa, Albufeira, Olhão e Tavira também numa grande parte por ele é feito, acrescido ainda de inumeras mercadorias que convergem aqui de Villa Real de Santo Antonio e Portimão; e que tanto maior será o trafico nesta localidade quanto melhores forem as condições do porto.

O espaço que ficará na doca, parecendo grande á primeira vista, não o é, pois a mesma abrigando umas 30 barcas de carga e descarga, abrigará também pequenas embarcações que se contam por centos. Todos se lembram ainda das calamidades que estes pobres armadores sofriam no inverno, antes da passagem da linha ferrea pela frente na cidade; todos rememoram como constantemente se despedaçavam esses frajeis barquinhos, unico sustentaculo dessa pobre gente, calamidade que se repetiria se amanhã, pelo facto do encurtamento da doca, eles, fossem compelidos a ficar fóra dela. Não queremos que tal aconteça, e assim:

Pelas razões expostas e por outas que por evitar prolixidade omitimos, esperamos que a dignissima Camara da presidencia de V. Ex.ª se compenetre da razão aos impetrantes, ordenando sem delongas os trabalhos da doca, em conformidade com exposição feita, unica forma que a nosso ver poderá servir os interesses desta localidade e as demais que por este porto se servem.

Saude e Fraternidade.

Faro, 14 de Fevereiro de 1916.

J. Alexandre da Fonseca.
Marques e Vaz Velho L.ª
Samuel Sequerra & C.ª
Mealha & Ascensão L.ª
J. Coelho Junior & C.ª

SPORT

A «Académica» vence o «Boavista F. Club»

Como noticiamos, realizou-se no passado domingo, o desafio entre as primeiras linhas do «Boavista» e «Académico».

Eram 16 horas e 15 minutos, o arbitrio do sr. Viêira, dá começo ao jogo depois dos grupos saudarem-se mutuamente, pertencendo a bola de saída do «Boavista», que carga com desusada energia, conseguindo levar a bola até aos postos adversarios senão repellido pelas defesas dos mesmos.

Depois dos primeiros momentos de surpresa, o «Académico» carrega continua e metódicamente, marcando Vinhas o primeiro «goal» com uma admiravel cabeça.

O jogo continua, de parte do «Boavista» as avançadas sempre mal conduzidas pelas pontas, raramente conseguem ameaçar o «goal» adversario; de parte do «Académico» dá-se exatamento o contrario, Cabrita, a quem em parte se deve a primeira bola, continua a centrar bem, ameaçando constantemente o guarda rede adversario.

Aproximadamente 35 minutos depois do desafio ter começado, é marcada a grande penalidade contra o Boavista, que Saraiva converte numa bola e que o capitão do mesmo, não concordando com a decisão abandona o jogo, dando assim a victoria ao Académico, que não precisava de semelhança dádiva.

Não criticaremos o procedimento do juiz de campo, de cuja vontade de ser imparcial não podemos duvidar; com o que não podemos de maneira alguma, concordar, é com o procedimento do capitão do «Boavista», que praticou uma desconsideração; para com o juiz de campo não acataado a sua decisão, para o publico e grupo adversario que se incomodaram, simplesmente para ver um acto de falta de disciplina e educação.

Final o que ganhou o sr. Galho?

Não poder protestar perante a «União» contra o procedimento do «refre» visto este sr. ter praticado um acto de desobe-

«ATLANTIDA»

Está á venda o 4.º numero deste magnifico mensario artistico literario e social para Portugal e Brazil, dirigido pelos illustres escriptores João de Barros e João do Rio. Preço \$25

diencia, que os estatutos da mesma castigam.

Jogam hoje, 20 do corrente, em primeiras categorias, o «Sporting» contra o «Boavista», e em segundas, o «Académico» contra o «Boavista».

Gramatica dos namorados

A mulher é um «adjectivo» que precisa de concordar com o «substantivo» homem, para entrar «gramaticalmente» na sociedade.

O namoro é um «adverbio» de tempo, com um complemento terminativo—o casamento.

Os arranhos são «orações incidentes» no «período» adoração.

Quando alguns pensam em tomar esposa, pensam na «oração principal»—dote.

O verbo «amar» é de todos os verbos o mais «irregular». Ha mulheres que o não sabem absolutamente conjugar, porque lhes esquece o «tempo» e as «pessoas».

O grande «verbo reflexivo» é ser constante. A mulher «proposição» pede sempre «complemento transitivo»—carruagem.

Uma solteira bem conservada é um «preterito perfeito», uma entrada em anos é uma «preterita imperfeita».

Uma traição no amor é uma «conjunctiva».

Quando se não pode dizer com certeza se uma mulher ama este ou aquele, é porque ha uma «amfibologia».

Quando se tem namoro desconhecido, deve dizer-se que o «sujeito» está occulto por «ellipse».

Quando os namorados sofrem, é porque andam nas «declinações».

Quando conversam devagarinho a um canto da sala, estão entre «parentesis».

Chama-se «syntaxe» a arte de levar com socego um negocio de amor.

Um pai que tira informações do namorado da filha, faz a «análise da oração».

Uma mulher corpulenta é um «superlativo», e uma franzina e pequena um «diminutivo».

Quem leva as cartas dele ou dela é um «verbo auxiliar».

Chama-se «pleonasmos» um duplo namoro.

Um namorado é um «substantivo proprio».

Os olhos são «radical» ou «sufixo» e a boca «desinencia».

Apreensão importante

Na madrugada de 18 foram apreendidos, em tomadia, pela guarda fiscal, no sitio do Cercal, 8 caixotes de ovos, destinados a embarque clandestino, 1 lancha e dois carros puchadas a muars, tudo no valor de 200 escudos.

A apreensão foi feita pelo 2.º cabo n.º 235, João Pedro Marreiros e pelo soldado n.º 207, Henrique Pires Pintado, ambos da secção de Faro, a 10 individuos, sendo preciso empregar a força.

Um dos carreiros fugiu e o que foi preso declarou ignorar a qualidade do fréte, que conduzia.

Os oito homens que o acompanhavam fugiram também.

Nota da Redacção

Afim de concluirmos o nosso jornal á hora do correio, fomos obrigados a descurar um tanto a revisão, do que pedimos desculpa aos nossos presados leitores.

No «Povo do Algarve» n.º 25, de 6 do corrente, desmente-se o que se diz na local do «Heraldo» de 30 de Janeiro sobre Política de Castro Marim, chegando o despalante do informador do «Povo» a considerar-nos, um verdadeiro mentiroso por dizermos que o ex-presidente da Comissão Executiva foi posto fora do lugar por um voto de desconfiança da Camara, que a sessão de 15 de Janeiro tinha sido ilegal e que contra ela protestaram os verdadeiros democraticos.

Compreende-se que se defendam os amigos e correligionarios, delinquendo tornar por qualquer forma menos graves as suas culpas, mas vir para as columnas de um jornal fazer desmentidos desta natureza e com uns vislumbres de ameaças, é demasiada ousadia!

Informe-se o nosso conspicuo antagorista, que isso lhe deve ser facil, se é ou não verdade que numa sessão da Comissão Executiva fosse apresentado pelo vereador Joaquim Nunes um voto de desconfiança ao ex-presidente, se esse voto foi ou não aprovado por maioria e se foi ou não, em vista desse voto, que ele pediu licença que lhe foi logo concedida. Na primeira sessão do Senado Municipal, posterior a essa sessão foram substituidos por deliberação da maioria esse presidente e o vice-presidente, entrando para a presidência o tal Carlos Bacurinho, como graciosamente lhe chama, e que continua ainda na presidencia, embora do ao articulista do «Povo» e aos seus informadores.

Afirma ainda o nosso contraditor que a sessão de 15 de Janeiro correu sem particularidades dignas de registro.

Mas pode-nos dizer com quantos voais abriu essa sessão? Com oito apenas.

E com é que se podem chamar os dois substitutos que iam de encomenda, se eles «se podem ser chamados por deliberação da Camara» e ai não havia numero para deliberar?

E não seria por ver que queriam fazer sessão sem numero legal que o presidente da Comissão Executiva saiu?

Correu tudo na melhor ordem e a maioria da Camara reúne-se dias depois e julga nulo o trabalhinho que nessa pseudosessão tinham preparado com uma acta em que figuram apenas cinco assinaturas.

Não lhe parece, esclarecido articulista, que era melhor ter completo conhecimento dos factos para não vir bradando aos seus leitores que somos mentirosos, e se não tornar tão accerrimo defensor de ilegalidades?

Por ultimo dir-lhe-hemos que achamos picaresco o lamentar-se por não ser conhecido o nosso nome, quando para o conhecimento do seu só pde a nossa disposição um C.

S.

Quando ha pouco se procedia á avaliação dos bens que ficaram por falecimento de Manuel Rosa Albino, que foi das Hortas da Fronteira, todos soberbaram porque a imprensa referiu e aqui do alto desta tribuna foi dito, o modo como o sr. secretario de finanças deste concelho procedeu, apresentando á assignatura dos louvados uns autos que não traduziam a expressão da verdade, pois neles era fixado aos bens valores mais baixos, mas muito mais baixos do que os louvados haviam marcado. Foi em carta aberta ao sr. Inspector de Finanças que isto se disse, mas o sr. secretario de finanças, coberto com o manto branco e azul de certo politico de quem se diz amigo mas a quem quiz negar como São Pedro ao mestre, nem sequer collehi os frutos das suas obras, ficando apto, portanto, para maiores façanhas. Quando se tratou da ultima eleição de deputados impoz-se a alguns eleitores para não votarem com o Partido Democratico e nomeadamente a um taberneiro do Azinhal, criado do sr. Manuel Ruivo, actual presidente do senado municipal deste concelho.

Quande presidia á Comissão Executiva da Camara o sr. Antonio Joaquim Madeira Senior, das Fronteiras, as reuniões preparatorias das sessões, tinham lugar na repartição de Finanças, a maior parte das vezes, e a elas assistia o tesoureiro de fazenda publica, e saiu o sr. Madeira e a sinagoga deixou de funcionar com tanta frequencia. Veio agora a nomeação da nova Comissão Executiva da Camara Municipal e o sr. Almodovar, secretario de finanças deste concelho, prende na sua propria repartição dois vereadores democraticos, impondo-se-lhes pelo terror para que não fosem á sessão do dia 15 do corrente...

Isto é de mais!

E intoleravel! Uma repartição publica do Estado não pode servir de centro politico como um funcionario publico não deve fazer politica dentro dela, abusando tao descaradamente do fugar que desempenha, das repartições que lhe confia.

Mas, oh Providencial como em breve ele e o um patricio, o illustre e ilustrado tesoureiro, tão depressa virem cair por terra os seus castelos! Não lhes valeu o concurso dos evolucionistas, capitaneados pelo sr. Jacinto da Palma! Mal empregada

do tempo que todos perderam! Que pena verem fugir das mãos a pomba que acari-ciavam!

Foi-se-lhe, por este ano, a Executiva. Paciencia! E' necessario, porém, que as repartições publicas deste concelho não voltem a centros politicos e que os cidadãos vereadores municipais do Partido Democratico não venham, novamente, a ser ameaçados uns e outros caluniados, porque ao contrario iremos directamente ante o sr. dr. Afonso Costa narrar-lhe tudo que por cá vae. Não nos levem até ao extremo, porque ha muito jôio a tirar do irigo.

Castro Marim, 26 de Janeiro de 1916.

Um assignante.

O QUE DIZEM OS MESTRES

A mulher

Veneremos a mulher. Santifiquemo-la. Glorifiquemo-la.

A mulher é a humanidade vista pelo seu lado tranquillo; ela é o lar, é a casa, é o centro de todos os pensamentos suaves. E' o terno conchello de uma voz ino-cente, no meio de tudo que nos envolve, nos irrita, e nos arrasta.

Muitas vezes, em torno de nós são todos inimigos: a mulher é o affecto. — Pro-tejamo-la. Demos-lhe o logar a que tem direito. Honremos a mãe, a irmã, a espôsa.

A mulher contem o problema social e o misterio humano. Parece a extrema fraqueza e é a grande a força.

O homem, que ampara um povo, precisa de se amparar a uma mulher. E no dia em que ela falte, falta-nos tudo. Nós é que morremos com a sua morte; ela é que vive sempre. A recordação que nos deixa assenhora-se de todo o nosso ser.

E quando nos achamos em frente da sua cova, parece-nos que dessa cova, surge a sua alma, e que a nossa desce á sepultura.

Vitor Hugo.

A conversação

A conversação na sociedade, mesmo banal como é, não tem, nem pode ter, regras fixas a que se subordine.

Para saber o que mais agrada aos homens, naquilo que lhes dizemos, não se consultam formulários, mas sim moralistas. Ler Rochefoucauld e La Bruyere são neste caso os melhores mestres!

E' contido uma regra geral de boa educação, o não falarmos aos indifferentes de nós, mas sim deles.

O mais odioso assunto da conversa, que possamos escolher, é a nossa propria personalidade.

No «mundo», é necessario dizer e repetir isto, ninguém se interessa pelo vi-sinho e, todos se interessam por si proprios. Foi para disfarçar sob graciosas apparencias esse egoismo universal, que a polidez é a amabilidade mundana, que é o «savour vivre» cortês inventou as suas formas mais elegantes e requintadas hipocrisias.

Vai-se hoje á sociedade para apparecer, para indicar que se pertence á «elite», para mostrar o luxo que se tem, para crear relações, para mil fins utilitarios, que não é necessario nem oportuno enumerar aqui, — como dantes se ia aos salões para brilhar, para conversar, para ostentar espirito e graça.

Por tanto, o que hoje se requer, nas salas da nossa baralhada e caotica sociedade, é o «espirito de conservação» que foi em França, por exemplo, e durante o século XVIII, um dos factos sociais de mais alta importancia.

«Saber ouvir», não contrariar asperamente o que se ouve, não apresentar nem os seus principios nem as suas convicções, não deixar adivinhar os seus interesses, os seus projectos, as suas ambições, os seus despeitos, tudo isto faz parte do «savour vivre» especial do nosso tempo.

Se falamos de nós já se vê que não cumprimos nenhum dos pontos mais importantes deste programma e importunamos os outros.

A cada pessoa falemos, pois, daquilo que a deve preoccupar e interessar, conforme o sexo, a idade, a posição social, a intelligencia, a educação.

Já se vê que esta arte não se encerra em um certo numero de formulas.

E' necessario ter um entendimento muito lucido, e um gosto muito fino para a pôr completamente em pratica.

Aos que o não fizerem aconselhámos, pois, que falem pouco, e pensando bem no que dizem.

Nunca se perde por falar de menos.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.

IMPRESA

A ORDEM

Sob a habiliissima direcção do nosso velho e dedicado amigo sr. Zuzarte de Mendonça, iniciou ha dias a sua publicação em Lisboa o importante jornal cato-

DR. JOÃO PEDRO DE SOUSA

Discurso proferido na sessão de 27 de julho de 1915, na Camara dos Deputados pelo sr. dr. João Pedro de Sousa:—

(Continuação)

Foi então nomeado terceiro administrador, que teve de andar, constantemente, entre a força armada, sob a ameaça de ser linchado, e foi assim que tambem abandonou a cidade.

Tomou por fim a administração do concelho, em obediência á lei, o presidente da camara municipal. Pois até o presidente da camara, apesar de ser um cidadão digno e honesto, foi ameaçado de morte se continuasse no desempenho das suas funções.

Por consequencia, hoje, em Tavira, não ha auctoridade administrativa. Esse povo impõe a sua vontade, e eu garanto a V. Ex.ª que, em Tavira, se não recebe nenhuma auctoridade administrativa. E' por isso que se chega aos maiores abusos, como seja o apedrejamento de automoveis, quando se suspeita que eles vão de Faro, e o que é bem pior, o dinamitarem-se as casas de cidadãos honestos. Assim, ás tres horas, dinamitaram a casa de meu irmão, unicamente por ele pertencer á familia deste modesto e obscuro Deputado, que trabalhou pela transferencia da sede do regimento de infantaria n.º 4 em Faro. E dá-se a ponderavel circunstancia de que meu irmão trabalhou, afanosamente, pela causa de Tavira, sendo desta forma que lhe compensam os seus serviços.

Estas razões, que expuz, que me levam a chamar a attenção dos illustres Ministros, que occupam as bancadas governamentais, para que S. Ex.ª transmitam ao sr. Ministro do Interior estas minhas considerações, a fim de que S. Ex.ª prove que não se admite que haja, no paiz, uma cidade desgobernada como é Tavira, cujos desordeiros dizem, á boca cheia, em toda a parte, que não aceitam nenhuma auctoridade administrativa!

E' necessario que se saiba que Tavira é uma cidade como qualquer outra, e se ela não acatar uma auctoridade civil, mande-se para lá uma auctoridade militar!

Consequentemente, o que eu desejo é que V. Ex.ª, membros do Governo, façam ver ao sr. Ministro do Interior que é absolutamente preciso, para honra e para decôr da Republica, que não se cometam desacatos desta ordem; que é absolutamente necessario mostrar ao paiz que as leis são para se cumprir; e que não se consentem os desacatos e arruaças ali praticadas, contra cidadãos honestos e indefezos, que não tem outro crime que não seja o facto de pertencerem á familia de um Deputado que trabalhou pelos interesses de Faro, em nome da lei e da justiça.

E' necessario que se afirme que a cidade de Tavira não é ingovernavel e que a anarquia não subsistirá ali pela vontade dos seus habitantes. De resto, precisamos de que nos restabeleçam o penhor de que aquella cidade é ordeira e trabalhadora.

Tenho dito.

RIDENDO...

Nevesinhos.

Tenho pena, mas pena grande e sincera, de que a minha velha lira seja uma lira tão... Beral!

Quizera ter, por momentos, a voz de Camões ou do Dante para cantar, Maestro, em um poema brilhante.

Quizera ter de Ivan Dick o talento genial para consagrar-lo, Maestro, em uma tela immortal!

De Mozart quizera ter a inspiração peregrina para offerecer-lhe, Maestro, uma sonata divina!

E mais que tudo, quizera ter, um instante sequer, a beleza estonteante da mais formosa mulher,

para quando o apinhasse nos bastidores, Nevesinhos, poder cair-lhe nos braços e falar-lhe dois beijinhos!

Mas de reles pechisque e a minha lira dourada!

Maestro, chuche no dedo e, se não lhe desagrade, contente-se co' os meus bravos e uma valente mofosada!

HERALDO

lico. A Ordem, cuja orientação tem sido devidamente apreciada, o que não nos surpreendeu porque, conhecendo Zuzarte de Mendonça desde os bancos liceaes, de ha muito nos habituamos a considera-lo um jornalista distinctissimo, do-tado de invulgar aptidões.

Pelo facto de militarmos num campo oposto, de forma alguma nos dispensamos de abraçar efusivamente Zuzarte de Mendonça. As nossas cordeas felicitações.

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

QUEM SEI?

Não sei; não posso dizer-te se em tudo que entorno vejo morte
haverá de Vida um bafejo!

Não sei; não sei; não discuto.
Sempre que acendo o charuto,
do fosforo de cera amortecida,
sai uma flama de vida!

Quem n'um recolhimento
de profundo isolamento,
em que a nossa alma se alheia,
não leve uma vez a ideia
d'ir das cousas perguntar
se lhe aprovam seu scismar?

E quem é que, d'entre nós,
não ouviu a sua voz?

Quem não acha, até, vulgar,
ouvir as cousas falar?

E quem acha caso—novo—
que o pinho saia do ovo?
Do ovo que se resnala
sem solar, sequer, uma fala?

Não sei, não sei, não discuto,
Sempre que acendo o charuto,
do fosforo de cera amortecida,
sai uma flama de vida!

SALAZAR MOSCOSO.

Os Inqueritos de «O Heraldo»

O AUTOMOBILISMO

Dado o incremento deste genero de sport nos ultimos tempos, resolvemos abrir nas columnas de «O Heraldo» uma secção de consultas sobre Automobilismo e seus pertencentes, marcas preferidas, sobreceleantes etc, tudo enfim que interesse a este importantissimo meio de locomoção.

LUBRIFICAÇÃO

A primeira vantagem que se nota quando se emprega o oiltag é a redução de atrito. Com a continuação do uso da grafite desfolculada desaparecem todas as anfractuosidades da superficie, que se cobre de uma camada que torna as superficies polidas e susceptiveis de se ajustarem melhor do que o que se pode obter de outro qualquer modo.

Em qualquer motor, mas sobretudo nos de autos, canots e motos este ajustamento aumenta a compressão e dá em resultado uma maior produção de força motriz para a mesma quantidade de gazolina.

Nas chumaceiras a grafite produz a lubrificação mais perfeita que se pode obter.

Em todos os automoveis se aconselha a limpeza do motor, tirando todo o oleo velho, depois do carro ter feito um certo numero de kilometros, em virtude do oleo perder as suas qualidades lubrificantes. Pois empregando o oiltag pode percorrer-se sem receio de gripagem, o dobro desta distancia.

Este facto explica-se pelo grande poder lubrificante da grafite.

O comité tecnico do Automovel Club da America resume assim os resultados obtidos com o oiltag nos motores de explosão:

- 1.º—Aumento de rendimento.
- 2.º—Diminuição de fumo pelo tubo de escape.
- 3.º—Diminuição de quantidade de oleo necessaria.
- 4.º—Aumento de compressão nos cilindros.
- 5.º—Mais silencio nas engrenagens.
- 6.º—Diminuição dos riscos de aquecimento.
- 7.º—Aumento de duração de material.

Um carro de 30 H. P. depois de algumas centenas de kilometros ponde fornecer 33 H. P. ou seja uma economia de 10 %.

Em experiencias officaes feitas no «Conservatoire des Arts et métiers»; em

Paris chegou-se ás conclusões seguintes:

1.º—O motor começa a trabalhar logo que a gazolina entra nos cilindros.

2.º—Consumo de oleo só 90 gramas por hora. Consumo de oleo com oiltag 25 gramas por hora. Economia de 72%.

3.º—O motor trabalha durante duas horas inteiras sem mais lubrificante do que podia ficar no carter dos 90 gr. de oiltag depois de 1 1/2 de marcha.

São garantias officaes estas que não podemos contestar.

Seis «Renaults», pertencentes á Compagnie Generale des Voitures (Paris), percorreram 100 kilometros por dia durante dois mezes sem necessidade de se deitar nenhum oleo no carter.

Num Maxwell de 25 H. P. tipo 1915 cheguei eu proprio a percorrer 150 kilometros com uma lata de gazolina gastando apenas 555 gramas de oleo.

As vantagens sobre maquinas de vapor, compressores, bombas, motores electricos, turbinas de explosão etc, são enormes; mas, não é meu intento fugir do campo dos automoveis e motos.

Aconselho-lhes pois que não deixem de usar o oiltag com persistencia pois que terão assim realisado grandes economias.

Continuo á disposição dos Ex.ªs leitores do «Heraldo», para responder a qualquer duvida ou consulta que me queiram dirigir.

X. A.

(Continua)

A proposito desta secção recebemos as seguintes consultas:

Ex.ª Sr. X. A.

«Heraldo»—Faro

Leiria, 14-2-916

Tenho um carro c/3 velocidades 4 cilindros que andava bem, consumindo 17 litros por 100 kilometros e 2 litros de oleo. Um cilindro rachou-se, fiz a substituição e puz um outro carborador mais moderno.

O motor não anda mal, o consumo

desceu a 12 litros e aquece extraordinariamente, a ponto de ferver a água em subidas, e para o pôr em movimento custa extraordinariamente e só pondo gasolina nos cilindros, consigo pô-lo em movimento.

Não estará a «alumage» bem?
A ordem de ignição, partindo do radiador é 4, 2, 3, 1, estará bem?
Agradecendo a sua informação, subscrevo-me

de V. Ex.^a etc.

Virgílio A. Aguiar.

Ex.^{mo} Sr. X. A.
«Heraldo»—Faro

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1916

As velas do meu motor (um quatro cilindros) sujam-se constantemente.
Que devo fazer?

Vasconcelos.

No proximo numero, publicaremos todas as opiniões e pareceres que sobre o assunto nos tem sido remetidos.

Noticias de Instrução

Foi nomeado professor efectivo da Escola Industrial «Rodrigues Sampaio» o distincto pintor sr. Conceição e Silva, digno cunhado do nosso prestimoso amigo e correligionario sr. Ezequiel Pereira, illustre professor da Escola Industrial «Marquez de Pombal».

As nossas cordeas felicitacoes.
—Deixaram de funcionar no predio do sr. Modesto Reys algumas turmas das classes mais adiantadas do Liceu desta cidade, que passaram a ter aulas no proprio edificio sendo para esse efeito alterado o respectivo horario.

—Acompanhado do seu secretario retirou ha dias para Lisboa o nosso illustre amigo sr. Antonio Francisco dos Santos, digno Inspector Escolar adido ao Ministerio da Instrução Publica e que veio a esta cidade proceder á sindicancia requeira pelo digno Inspector do Circulo de Faro, nosso dedicado correligionario sr. Ambrosio da Silva.

—Foi creado um terceiro logar na escola de S. Braz de Alportel.

A Instrução Primaria no Circulo de Faro

Pede-nos a sr.^a D. Eulalia das Dores Costa, digna professora da Escola Central Feminina desta cidade, a publicação de uma sua carta em resposta á que publicamos a pedido da digna professora sr.^a D. Helena Pereira Amores.

Apezar da falta de espaço e embora desejemos ver ultimada tão irritante polémica, que apenas tem servido para desprestigar a classe do professorado primario, acedemos ao pedido da sr.^a D. Eulalia para que mais uma vez se patenteie a nossa imparcialidade e não se diga que lhe coarctamos o direito de defeza.

Dada a orientação de «O Heraldo» dispensamo-nos de acentuar, perante os nossos leitores, até que ponto vai a nossa discordancia com os processos empregados.

Senhora D. Helena

Ao ler a carta subscrita pela sr.^a e publicada neste jornal, senti imensa piedade e profundo dó, porque a sua carta sr.^a D. Helena, veio confirmar mais uma vez que nós, as mulheres, seremos sempre as eternas escravas do homem, e que se algumas tem a coragem de se libertarem dessa situação degradante são vilipendiadas e insultadas, como eu ainda ha pouco fui por um nosso proprio colega.

Sim, sr.^a D. Helena, eu compreendo perfeitamente que não foi a sr.^a quem escreveu aquela carta, compreendo bem que a sr.^a subscrisse aquele amontoado de mentiras sentindo o rubor da vergonha queimar-lhe as faces, mas não ponde deixar de assinar aquelas linhas, onde não ha uma unica verdade, porque foi essa a vontade de uma pessoa a quem tem de obedecer.

Mas, supondo por um pouco que é a sr.^a a autora daquela carta, que vem manchar o seu nome de educadora, eu lamento a da mesma maneira, porque, ou a senhora sofre de amnesia, ou falta consciencia á verdade.

Diz a sr.^a que me perguntou, no dia 1 de Dezembro, depois de ouvir ler a lista dos professores, que aderiram ao movimento, se eu sabia se os professores de Monchique tambem tinham aderido?

E' manifesto proposito de mentir. Pois a sr.^a não sabe que eu saí dessa reunião sem ter assinado, na occasião em que o sr. dr. Davim entrava para na presença dele assinar e poder reconhecer as assinaturas? Se efectivamente depois foi lida essa lista, onde estava eu já nessa occasião? Em minha casa, certamente. Parece-me que nesse dia apenas

troquei com a sr.^a duas ou tres palavras de simples cumprimento.

Olhe: a verdade é esta, e quem quizer acreditar que acredite: foi no dia 20 e não no dia 1 que a sr.^a me disse aqui, na varanda da Escola, que os professores de Monchique tinham assinado a apresentação e só depois de varias razões, que eu apresentei em contrario, é que a sr.^a concordou que efectivamente não podia ser e então seria outra coisa. O mais bonito é que a sr.^a me disse que soube essa novidade da sua prima Mariana, e ela já me disse que a soube da sr.^a, e agora vão lá entender se foi a prima Mariana ou a prima Helena que o inventou.

Esta é que é a verdade nua e crua, e a sr.^a sabe muito bem que foi assim, mas como levou isto pelo caminho torto e agora quer ficar airosa, não exita em falar á verdade, ou obrigaram-na a fazê-lo.

Pois bem; pode desmentir-me, pode seu marido continuar a sujar as columnas desse pasquim onde escreve, que nem nome de jornal merece, que eu não mais lhes responderei, nem me darei ao incomodo de os ler. O que nós fizemos sr.^a D. Helena, nós todos os quasi todos os professores desta cidade, foi confirmar o que o sr. A. G. disse nos seus artigos.

E não vale a pena gastar muito tempo com cousas que espremidas não deitam sumo nenhum!

Aproveito a ocasião para dizer duas palavras a esse cavalheiro que já por duas vezes vem offender-me, cobrindo-se com a máscara de Tertuliano Fagundes, professor-sargento em Estimarantens.

Isto de uma pessoa estar continuamente a motejar de quem lhe não liga a minima importancia é algo impertinente e mostra á evidencia que ha pessoas que desconhecem por completo os efeitos do chá tomado em creança.

O cavalheiro, que não é sargento nem desempenha funções de professor, que tem com as questunculadas que se levantam entre estes.

Ou está comprado para me insultar, o que é repugnante, ou fallo por prazer ou por disporto.

Ha pessoas de tão baixo instinto que mais lhe valera nunca terem saído da profunda ignorancia de que almas caritativas as tiraram de que, onde lhes cheira a intriga, lá estão caídas, por ser esse o pratinho predilecto.

Deixe-se pois de gráçolas de mau gosto, que só reflectem despeito e má educação e compre um compendio de civilidade para entreter os ócios e completar a sua educação.

Isto de uma pessoa vir meter foice em seara alheia dá vontade de se lhe perguntar: Quem te manda a ti sapateiro tocar rabecão?

Desculpe-me, sr. Redactor, mais esta massada, que será a ultima, e creia-me:

De V. Ex.^a etc.

Faro, 15-2-916

Eulalia das Dores Costa.

Escola Normal de Faro

RAÇAS HISTÓRICAS NA LUSITANIA

Conferencia pela aluna D. Maria da Madre de Deus Macias:

O assunto de que vou tratar é: as raças historicas na Lusitania. Mas primeiro tratarei do elemento que as constituiu—o homem. Ao pensarmos nele acodem-nos ao espirito varias perguntas. Qual a sua origem? Qual a diferença entre ele e os animaes? Em que logares da terra appareceu primitivamente?

A origem do homem tem sido muito discutida, afirmando uns que ele foi creado primitivamente tal qual hoje é, enquanto que outros sustentam que o homem descende do macaco. Mas se pensarmos bem, chegaremos á conclusão que o homem não pode descender do macaco visto tornarmos-nos incompreensivel como ele ponde chegar ao estado de perfeição a que chegou. Tratando-se agora da diferença entre o homem e os animaes, pergunta-se:

O que é o homem? Diz o visconde Luiz de Bonald que o homem é uma intelligencia servida por órgãos. Aceitaríamos de boa vontade esta definição se ela não confundisse os homens com os animaes. Sabemos perfeitamente que estes são intelligentes mas que a sua intelligencia não vai além das necessidades que tem de defender-se, de atacar e de procurar o seu alimento. Pelo seu corpo o homem é um animal, mas ele eleva-se singularmente a todos pela extensão das suas faculdades intellectuaes. Mas outro problema se nos apresenta. Quais são os logares em que o homem appareceu primitivamente? Ha innumeros sabios que seguem a opinião de que a criação do homem foi múltipla, isto é, que appareceu ao mesmo tempo nos diversos logares da terra, mas a opinião mais seguida é que a criação do homem teve por centro os planaltos da Asia Central.

E tanto isto parece ser verdadeiro que á volta do massico central da Asia, nós encontramos os tres tipos organicos funda-

A Elegante

RODOLFO SILVA

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Pêles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

mentaes do homem, isto é, o homem branco, o amarelo e o negro.

Deste modo, para explicar a presença do homem em todos os pontos do continente, não é necessario julgar a existencia de muitos centros de criação. A tradição estabeleceu que a vida nomada precedeu em toda a parte os estabelecimentos fixos.

(Continua).

REMEDIO FRANCÊS



Carteira

Fazem anos:

Domingo, 20.—D. Clarisse Antunes Pinto, D. Maria Amelia Cordeiro, D. Etelvina Ramos, dr. Alberto de Vasconcelos Moraes e Joaquim Domingos Rodrigues.

Segunda-feira, 21.—D. Inacia Ludovina Anes Baganha Leal, D. Elvira da Silva Marreiros, Silvino da Camara, Luiz Parreira e Pedro da Costa Marinho.

Terça-feira, 22.—D. Maria Luiza do Bivar Sampaio e Melo, D. Ana Henriqueta de Bivar, D. Albertina Mascarenhas Nobre, Sebastião José Teixeira Neves de Aragão e José Manuel Centeno.

Quarta-feira, 23.—D. Bernarda Paula Mendonça, D. Lucia Domingos Antunes, José Maria Pereira e Alvaro Batista Pinto.

Quinta-feira, 24.—D. Luiza de Oliveira Moreno D. Ricardo Dias da Silva, Modesto Gomes Garcia, Eduardo Antonio Lopes e Francisco Pedro Ferreira.

Sexta-feira, 25.—D. Maria do Carmo Neves, D. Elvira da Conceição Cordeiro, Manuel José Bensaude e Francisco Antonio Viegas.

Sabado, 26.—D. Maria Amelia Samora Gil dos Santos, D. Maria José de Almeida, D. Ana de Sousa Lopes, José Rodrigues Fontinha, Innocencio Lucio Machado e a menina Maria Josefa Marques.

—Passou no dia 15 o aniversario da sr.^a D. Rita Jovita Leal Guerreiro, distincta aluna da Escola Industrial de Faro.

Doentes:

Encontram-se doentes as senhoras:

D. Rita Cavaco, D. Ana Vilhena, D. Ana Fonseca, a esposa do sr. Mario Gonçalves, a esposa do sr. Lourenço do Sacramento Nunes, a filha do sr. José Guerreiro e a menina Carolina Aleixo, filha do sr. Sergio Franco, e uma filha do sr. Antonio Ramalho.

E os senhores:

Caelano de Assunção, João Barbosa, digno administrador deste concelho e commissario da policia deste districto; um filhinho do digno contador desta camara sr. Leirio; o menino Armando Tavares, filho do sr. Francisco Tavares Belo.

Necrologia:

Faleceu no dia 14 uma filhinha do nosso presado amigo e correligionario sr. João Sousa Praxeres, digno Fiscal do Governo na circumscripção corticeira de Faro.

—Vitimado pela tuberculose, faleceu em Olhão no dia 15 o sr. sr. Sebastião dos Santos Galvão, filho do sr. João Pereira Galvão.

—Realizou-se no dia 12, o funeral do menino Frederico José de Macedo Ortigão, estremitado filho do nosso prezado amigo sr. Antonio de Macedo Ramalho Ortigão.

A infeliz creança contava apenas 10 anos de idade, e era o enlevo de seus desolados paes a quem acompanhamos neste angustioso transe.

A's familias enlutadas os nossos pezames.

NOTICIÁRIO

Esteve em Faro nosso presado amigo sr. Humberto José Pacheco, digno administrador do Concelho de Loulé.

—Acompanhado de sua gentil filha, partiu para Lisboa no dia 16, o nosso presado amigo e prestimoso correligionario sr. José Sarraiva, illustre Inspector de Finanças do distrito de Faro.

—Vimos nesta cidade o sr. Carlos Quintino, digno administrador do Concelho de Alcoutim e nosso presado amigo.

—Está em Lisboa o presado correligionario sr. Augusto Verissimo de Sousa.

—Acompanhado de sua esposa foi á capital o sr. José Rita, digno empregado dos Caminhos de Ferro do Estado.

—Por escriptura lavrada no cartório do notario de Vila Real de Santo Antonio, sr. dr. João Domingues Medeiros, passou o sr.

Joaquim José Delicioso o seu estabelecimento, em Alcoutim, aos srs. José Francisco Delicioso Junior, sendo a nova firma José Francisco Delicioso & Irmão.

—Vimos em Faro o sr. dr. José Castanho, digno Juiz da Comarca de Monchique.

—Vimos nesta cidade o nosso presado amigo sr. Joaquim Mascarenhas Pacheco, de Monchique.

—Affim de tratar da saude, foi a Lisboa o sr. José Joaquim Vaz, empregado da Companhia dos Tabacos.

—Foi a Lisboa o sr. Francisco dos Reis Marreiros, digno fiscal da Camara Municipal de Faro.

—Regressou de Lisboa a sr.^a D. Maria das Dores Paula Mendonça, extremosa filha do nosso presado amigo sr. Francisco de Paula Mendonça abastado proprietario em Estoi.

—Consta que vai brevemente partir para o estrangeiro, a fim de tirar a carta de aviador, o nosso amigo sr. dr. Virgilio Negrão Calado, de Lagoa.

—O sr. João Rodrigues de Passos, de Boliqueime, solicitou do Estado o arrendamento de um talhão de terreno, no sitio do Coural, a fim de estabelecer uma fabrica de explosivos.

—Está em Lisboa em tratamento, o capitão de infantaria, sr. Francisco de Assis Crispim, nosso presado amigo.

—A Camara Municipal de Aljezur solicitou do governo a distribuição de alguma batata para semente.

—Partiu para Spezia, onde vai assistir á construção dos submarinos encomendados pelo governo português, o engenheiro naval sr. Francisco Antonio de Sequeira.

—Foi adoptada a letra I na aferição de todos os instrumentos de pesar e medir durante o periodo de maio de 1916 a 30 de abril de 1917.

—Acompanhado de sua esposa, partiu para Lisboa o capitão de infantaria, sr. Francisco Barros.

—Foi promovido a capitão e colocado em infantaria 4 o sr. Rodrigues Simão.

—Pelo ministerio do fomento foi permitido á firma Silva & C.^a, Limitada; construir uma ponte na margem esquerda do rio de Portimão.

—Reunio no dia 10 em Lisboa o conselho de defeza nacional.

—O posto semafórico de Sagres comunicou para Lisboa que o vapor italiano «Cabras», da praça de Bari, teve um abaloamento no alto mar, segurado para aquella cidade.

—Foi muito concorrido o espectáculo promovido pela União das Associações das Classes Operarias de Lagos, no teatro Gil Vicente daquela cidade, em beneficio de uma escola que as mesmas associações vão crear.

—Assumiu a regencia das disciplinas que estavam a cargo do sr. dr. Pera, o professor do licen de Faro, sr. Furtado Guerra, de Portimão.

—Vimos em Faro o sr. dr. Fructuoso da Silva, digno juiz de direito em Albufeira.

—Affim de completar os seus estudos, segue brevemente para Londres, o sr. Julio da Silveira Pencarinha, filho do abastado comerciante sr. Rodrigo Pencarinha, de Estombar.

—Consta que o sr. dr. João Farrajola vae abrir banca de advogado em Tavira.

—Estiveram nesta cidade a sr.^a D. Ana Pacheco e sua filha, de Monchique.

—Vimos em Faro o sr. Silverio José Ferro, habil engenheiro de Minas, que brevemente regressa a Lourenço Marques, no

CANCELAMENTO DO VOTO

Vendeis olhos, mercaes olhos, Andais na mercadoria; Mercai-me tambem os meus Para a vossa companhia.

O anel que tu me deste Era de vidro, quebrou; O amor que tu me tinhas O anel o demonstrou.

Dá-me da pera metade Da maçã um bocadinho, Da laranja um só gomo, Da tua boca um beijinho.

desempenho do logar de director tecnico da Exploração Mineira do Sul.

—Regressou de Lisboa o nosso presado amigo sr. José Domingos Lopes.

—Vimos em Faro o sr. dr. Rodrigues Pontes.

—Parte brevemente para o Porto o sr. Augusto dos Santos Pereira, importante industrial daquela cidade, que ha dias anda visitando as localidades mais importantes do Algarve.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obrigou-nos a retirar varios artigos já compostos para este numero.

Agencia Investigadora

Chilado, 33, 3.º—Lisboa

Unica agencia do paiz montada no genero das de Paris e Londres

Indagações de carater particular

Informa-se sobre a situação e proceder de pessoas, para assuntos de casamentos, empregos, transações, divorcios, roubos etc., em todo o paiz.

Vigilancias. Informações comerciais. Agentes em todo o paiz.

Informações sobre estudantes

Frequencia ás aulas, classificações, comportamento dentro e fóra das escolas, etc., em todo o paiz.

Cobrança de dividas. Transações

Seriedade em todos os assuntos. Dão-se referencias. Correspondencia para a séde da Agencia, ao Director.

SERRALHEIRO

PRECISA-SE um bom serralheiro para ferramentas de fabrica de conservas.

Dirigir á Fabrica F. Delory.

PORTIMÃO

A BRAZILEIRA

—DE—

JAYME A. BUZAGLO

Especialidade em café, leite, bolos Bebidas nacionais e estrangeiras etc. etc.

RUA DE SANTO ANTONIO, N.º 10, 12 e 14

—FARO—

CASAS TERREAS



Vendem-se umas em frente do Liceu na rua Manuel de Arriaga n.º 27. Quem pretender dirija-se á mesma rua n.º 25.—Faro.

BATATA

De boa qualidade propria para semente

Vendem

MARQUES & VAZ VELHO L.^{da}

Rua Direita 57—FARO

JOSÉ SOLA

AFINADOR E REPARADOR

de todo genero de pianos

RUA CAMÕES, 17—OLHÃO

Tipografia d' O Herald

RUA 1.º DE DEZEMBRO 21 E 23

FARO

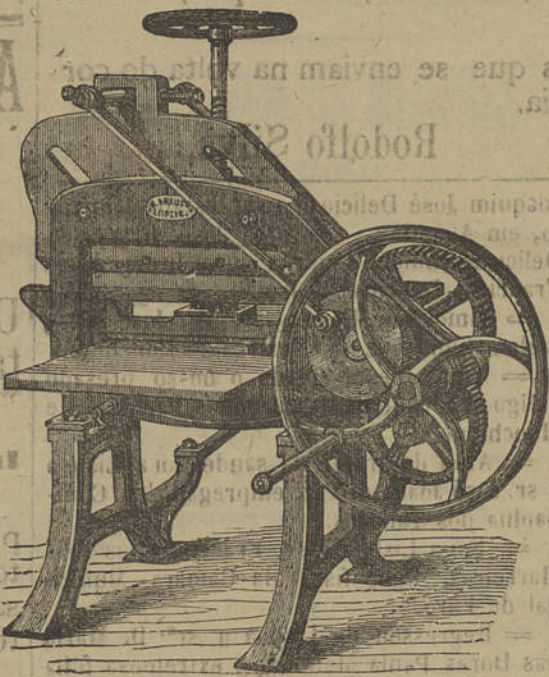
Prevê-se o publico de que esta antiga officina, que continua sob a intelligente direcção técnica do habil gráfico, Jayme Vaz Velho da Palma, antigo empregado da tipografia Leiria, de Lisboa e das officinas de composição do Anuario Commercial, da mesma cidade, está habilitada a executar toda a especie de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos e por preços baratissimos.

BILHETES DE VISITA

"ECLAMÉ"

\$20 (200 rs.) O CENTO

Jornais, Revistas, Impressões completas de livros em prosa e verso com capis e cores pelos mais recentes processos, Facturas, Bilhetes postais e de loja, Envelopes comerciais e d' officio, Papel timbrado para repartições do Estado e particulares, Participações de casamento, nascimento e luto em simples e fantasia, Placards, Prospectos de reclama, Programas, Bilhetes de visita e teatro em todos os generos, Quotas e Relatorios, Talões e Recibos, Mapas e Tabelas em todos os formatos, Folhinhas, Mostuários artísticos, Impressões em etiquetas a ouro, Catálogos, etc., etc.



IMPRESSÕES A OURO, PRATA E BRONZE

ENCADERNAÇÕES EM LIVROS, TALÕES E FACTURAS



TRABALHOS

A CORES COM A MAXIMA PERFEIÇÃO

ESPECIALIDADE EM ROTULOS PAR FARMACIAS

CORONHEIRO E TORNEIRO

João A. da Cruz Junior, coronheiro militar, encarrega-se da execução de quaesquer trabalhos que digam respeito á sua arte.

Rua da Cabanita, 35 FARO

"A ELEGANTE,"

RODOLFO SILVA

Loulé

O estabelecimento cujo sortido, primoroso das mais chics novidades se impõe a todas as pessoas de bom gosto.

Na volta do correio serão executados todos os pedidos que da provincia sejam endereçados a

Rodolfo Silva—Loulé

Tipografias portateis

Vendem-se duas quasi novas e muito boas.

Tratar com Antonio Fernandes Rodrigues Junior em Estoi.

ACABA DE PUBLICAR-SE

NOÇÕES DE PROCESSO PENAL

Acompanhadas de Formulário e Legislação, por João Pedro de Sousa, advogado e deputado da Nação. Preço 1 escudo. Pedidos ao autor.

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. GONÇALVES, 100

FARO

Construção de poços Artezianos—Vendem-se materias para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

Alfaiataria Lisbonense

RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 29

Faro

DO CONHECIDO

ALFAIATE FONSECA, de Lisboa

Participa que abriu a sua casa nesta cidade, encarregando-se da execução de obras para homem creança e senhora (genero estallura) por preços modicos e com um completo mostuario de mais de mil amostras de fazendas no que ha de mais chic e maior novidade para a estação de verão.

Todas as obras são executadas pelo seu proprietario, tomando por isso inteira e completa responsabilidade na sua execução.

FATOS FEITOS PARA HOMEM, DESDE 8550 A 20500

Vae tomar medidas e provas a casa dos clientes

JOSÉ FILIPE ALVARES

MEDICO CIRURGIÃO

Especialidades: Tuberculose e doenças dos olhos

Clinica geral, operações e partos

CONSULTAS, TERÇAS E SEXTAS, ÀS 6 HORAS DA TARDE NA FARMACIA

DINIZ AMORES

PARA VISITAS CHAMADAS NA MESMA FARMACIA

CONSULTAS GRATIS A POBRES

VIAGO

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo—Seguros marítimos—

Seguros de cristais—Seguros contra roubos—

Seguros postaes—Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Representante em Faro,

MANUEL FRANCISCO COSTA

INSTRUÇÃO SECUNDARIA E PROFISSIONAL

Tratado de Química Elemental (8.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO, estudos—1750)

Obra util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciência: as theorias quimicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento, a parte descriptiva é rica na indicação de experiências atraentes e preparações de verdadeiro interesse na vida pratica; e os problemas fundamentais da quimica elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literaes e exemplificações numericas da disposição dos cálculos. Este compendio foi adoptado em seguida á sua primeira publicação em quas todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normaes, industriaes e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distintos professores

Lição de Física do curso geral dos liceus e escolas normaes (12.ª Edição).

Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 400 gravuras. PREÇO, escudos—1720

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso de 1899, e seguidamente mandado adotar em todos as liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no Diario do Governo n.º 261 do mesmo anno. Foi nomeado escolhido para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192), e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 2 de julho. Cada lição é acompanhada de um questionario que substitua a presença de professor, e facilita a revisão das materias estudadas. Além disto, também no fim de cada lição, em cuja materia podem ter lugar applicações numericas, se encontram enunciados problemas muito facéis que notavelmente contribuem para a clareza e compreensão dos assuntos da respectiva lição. — O seu metodo essencialmente indutivo-experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particularmente vantagens para se adquirirem sem fadiga nem difficuldade as primeiras noções exatas da fisica, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normaes, mas também ao ensino ministrado nos seminários, nas escolas elementares industriaes e nas de commercio e agricolas.

Tratado de Física Elemental (10.ª Edição). Um volume de IV

764 páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO, escudos—1580

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso geral de 1899, e seguidamente mandado adotar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no Diario do Governo n.º 218 do mesmo anno. Foi nomeado o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Comissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192) e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente actualizada á revisão geral do ensino da Física nos liceus de harmonia com as instruções que acompanham os programas do curso complementar, pois que, além das materias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contém as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvoltura e metódica colleção de 277 problemas numericos abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes do livro de ensino e que estão vulgarizadas nas escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das ciencias physico-quimicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotografia das cores; da fotografia através dos corpos opacos ou raios X, das correntes de alta frequencia, dos radiocondutores, da telegrafia sem fio e da radioactividade. Os principios e methodos theóricos, as experiencias demonstrativas, as applicações practicas e os problemas numericos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino theórico e pratico, á disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São também livros uteis fora dos cursos escolares: o amador da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (receptos e preceitos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das razões dos corpos e da electricidade indispensaveis á sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fenomenos da natureza encontram elementos que devem satisfazer ás exigências do seu espirito.

LISBOA Livraria Ferin, Rua Nova do Almada, 70.—PORTO Livraria Chardron, Rua das Carmelitas, 114.—COIMBRA Livraria França Amado, Rua Ferreira Borges, 115.

LIVROS: Publicaram-se os tomos 56 e 57 da HISTORIA UNIVERSAL de Ouden, o mais completo e científico repositório da historia da humanidade. — Livraria Allard e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças aos olhos, boca e dentes

Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS

EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6

FARO

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

Morada—Avenida Almirante

Reis, 92, 1.º D.º

LISBOA

O que todos devem saber

ASSINATURA PERMANENTE

EDITORES

ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA LTD.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA